

CADERNOS DE ARQUITETURA E URBANISMO



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS

Grão-Chanceler: Dom Walmor Oliveira de Azevedo
Reitor: Eustáquio Afonso Araújo
Vice-reitor Pe. Joaquim Giovani Mol Guimarães
Chefe de Gabinete do Reitor: Oswaldo Rocha Tôrres
Pró-reitores: *Extensão* – Vera Maria Neves Victor Ananias; *Gestão Financeira* – Paulo Sérgio Gontijo do Carmo; *Graduação* – Maria Inês Martins; *Infra-estrutura* – Rômulo Albertini Rigueira; *Logística e Operações* – Sérgio de Moraes Hanriot; *Pesquisa e de Pós-graduação* – João Francisco de Abreu; *Planejamento e Desenvolvimento Institucional* – Carlos Francisco Gomes; *Recursos Humanos* – José Márcio de Castro; *Arcos* – Wanderley Chieppe Felipe; *Betim* – Carmen Luiza Rabelo Xavier; *Contagem* – Geraldo Márcio Alves Guimarães; *Poços de Caldas* – Maria José Viana Marinho de Mattos; *São Gabriel* – Paulo Sérgio Martins Alves
Diretores: *Barreiro* – Patrícia Bernardes; *Serro* – Ronaldo Rajão Santiago
Secretaria de Comunicação: Mário Lara Leite
Secretaria Geral: Flávio Augusto Barros
Secretaria de Ação Comunitária: José Chequer Neto

EDITORA PUC MINAS

Diretora: Maria Nazareth Soares Fonseca
Comissão Editorial: Ângela Vaz Leão (PUC Minas); Graça Paulino (UFMG); José Newton Garcia de Araújo (PUC Minas); Lucília Neves (PUC Minas); Maria Nazareth Soares Fonseca – *Presidente* (PUC Minas); Maria Zilda Cury (UFMG); Oswaldo Bueno Amorim Filho (PUC Minas)
Conselho Editorial: Pe. Alberto Antoniazzi (PUC Minas); Antônio Cota Marçal (PUC Minas); Benjamin Abdalla (USP); Carlos Reis (Univ. de Coimbra); Dídima Olave Farias (Univ. del Bío-Bío – Chile); Evando Mirra de Paula e Silva (UFMG); Gonçalo Byrne (Portugal); José Salomão Amorim (UnB); José Viriato Coelho Vargas (UFPR); Kabengele Munanga (USP); Lélia Parreira Duarte (PUC Minas); Leonardo Barci Castriota (UFMG); Maria Lúcia Lepecki (Univ. de Lisboa); Philippe Remy Bernard Devloo (Unicamp); Regina Leite Garcia (UFF) Rita Chaves (USP); Sylvio Bandeira de Mello (UFBA)
Coordenação Editorial: Cláudia Teles de Menezes Teixeira
Preparação de textos: Maria Cristina Araújo Rabelo
Revisão: Astrid Masetti Lobo
Simone de Almeida Gomes
Capa: Maria Beatriz Tello Oliveira e Raquel Drummond de Carvalho

CADERNOS DE ARQUITETURA E URBANISMO



Os **Cadernos de Arquitetura e Urbanismo** constituem um periódico anual, editado desde 1993 pelo Departamento de Arquitetura e Urbanismo da PUC Minas. Destinam-se à divulgação de trabalhos técnico-científicos de diversas naturezas, notadamente os vinculados às atividades de pesquisa e de pós-graduação, bem como os associados ao ensino de arquitetura e urbanismo. Dirigem-se a professores, pesquisadores e estudantes interessados na ampla área de conhecimento da arquitetura e urbanismo.

Departamento de Arquitetura e Urbanismo

Conselho Técnico e Administrativo:

Cláudio Lister Marques Bahia

Jeanne Marie Ferreira Freitas

Maria Elisa Baptista

Conselho Editorial

Brian Lawson (The University of Sheffield/Inglaterra)

Cláudia Damasceno (Université de Paris/França)

Cláudio Lister Marques Bahia (PUC Minas)

Demetre Anastassakis (Rio de Janeiro)

Elvan Silva (UFRS)

Flávio Villaça (USP)

Gonzalo Byrne (Universidade de Coimbra/Portugal)

Heloísa S. M. Costa (UFMG)

Leonardo Barci Castriota (UFMG)

Paulo Ormino (UFBA)

Ramón Gutierrez (Univ. Nacional de Mar del

Plata/Argentina)

Ricardo Moretti (PUC Campinas)

Silke Kapp (UFMG)

Sônia Marques (UFRN)

Sylvio de Podestá (Minas Gerais)

Comissão Executiva

Alícia Duarte Penna

Cláudio Lister Marques Bahia

Daniele Nunes Caetano de Sá

Jeanne Marie Ferreira Freitas

Leonardo de Araújo Pereira

Maria Elisa Baptista

Mário Lúcio Pereira Júnior

Roberto Eustaáquio dos Santos

Willi de Barros Gonçalves

Coordenação Executiva

Jeanne Marie Ferreira Freitas

Regina Ribeiro Pimentel

Endereço para correspondência

Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

Departamento de Arquitetura e Urbanismo

Avenida Dom José Gaspar 500 – Bairro Coração Eucarístico

Tel: (31) 3319.4291 – Fax: (31) 3319.4501

30535-610 – Belo Horizonte – Minas Gerais – Brasil

arquitet@pucminas.br/boletimarquitetonico@pucminas.br

Cadernos de Arquitetura e Urbanismo. — n. 1,
ago. 1994 – . — Belo Horizonte: PUC Minas,
2004 –

v.

Anual

1. Arquitetura – Periódicos. 2. Urbanismo – Periódicos.
1. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.
Departamento de Arquitetura e Urbanismo.

CDU: 72(05)

SUMÁRIO

Apresentação

Altino Barbosa Caldeira7

Espelho, espelho meu

(Mirror, mirror on the wall)

Lúcia Leitão13

Sobre a história do texto de Vitruvius

(On the history of Vitruvius' text)

Júlio César Vitorino33

Lacunas da historiografia da arquitetura desenvolvida no Brasil no século XVIII

(Gaps in the 18th century brazilian architecture historiography)

Rodrigo Almeida Bastos51

Os quintais e a morada brasileira

(*Quintais*: the backyard and brazilian dwelling-houses)

Luís Octávio da Silva61

Eduardo Kneese de Mello: arquiteto

(Eduardo Kneese de Mello: architect)

Aline Nasralla Regino

Ademir Pereira dos Santos79

“Os loucos anos 20” – o primitivismo ou a inscrição da

“Terra brasilis” no concerto internacional

(The twenties – primitivism or the insertion of

“Terra brasilis” into the international context)

Mônica Eustáquio Fonseca99

JK: política, arte e arquitetura – uma experiência modernista

(JK: politics, art and architecture – a modernist experience)

Cláudio Listher Marques Bahia119

Utopia e espanto no espaço de Brasília

(Utopia and astonishment in Brasilia's space)

Vanessa Borges Brasileiro139

De 1924 a 2004: das caravanas modernistas a uma revisão crítica do modernismo em Minas Gerais – refazendo “o caminho percorrido”
(1924-2004: from modern caravans to a critical review of the Modern Movement in Minas Gerais – taking back the travelled route)

Denise Marques Bahia157

O NovoMuseu de Oscar Niemeyer: a obra do arquiteto pelo olho do operário
(Oscar Niemeyer’s NewMuseum: the architect’s work through the workers’ eyes)

Clovis Ultramari169

A política de intervenção nos assentamentos informais em Belo Horizonte nas décadas de 1980 e 1990 e o “Plano Global Específico”
(Housing policy in Belo Horizonte’s informal settlements in the 1980’s and 1990’s, and the “Specific Global Plan”)

Alfio Conti189

Bambu na habitação de interesse social no Brasil
(Bamboo in the social interest habitation in Brazil)

Adriene Pereira Cobra Costa Souza217

Uma fábula da técnica na cultura do estado do bem estar:
Grupo Archigram, 1961-1974

(A fable of technology in Welfare State Culture:

Archigram Group, 1961-1974)

Cláudia Pintá Costa Cabral247

Imaginário urbano – leitura das cidades
(Urban imaginary – readings of the city)

Fábio Allon dos Santos265

Normas para apresentação de trabalhos

(Norms for presentation of works)279

APRESENTAÇÃO

Altino Barbosa Caldeira*

A riqueza dos artigos desta publicação está na abordagem diferenciada que cada autor imprime ao seu tema, confirmando as palavras do ensaísta e poeta argentino Jorge Luis Borges: “Graças quero dar ao divino labirinto dos efeitos e das causas pela diversidade das criaturas que habitam este singular universo”. Ao se reportar ao verbo “habitar”, ele se refere à matéria-prima do nosso trabalho de arquitetos e, ao tomarmos a responsabilidade de projetar a morada do homem, essa responsabilidade se estende aos outros níveis de utilização do espaço. Desde a casa de um único indivíduo à de uma família ou de várias, o arquiteto estende a sua ação por todo o tecido urbano, tornando-se também responsável por seu planejamento. Sabemos que em sua dimensão profissional o arquiteto deve dedicar-se a estabelecer relações harmônicas entre o indivíduo e o seu meio, contemplando aspectos do ambiente vivido, seja um quintal, uma favela ou um museu, interagindo criticamente com o mundo real por meio da forma que se associa à paisagem e a transforma.

Os artigos aqui apresentados exploram esses lugares do mundo, recorrem desde as pequenas até as grandes intervenções que podem ser atribuídas no tempo e no espaço a um arquiteto-urbanista. É por esse motivo que nos estudos, em pesquisas ou em trabalhos específicos desenvolvidos nessa área, como demonstram os textos desta edição, as teorias e conceitos esclarecem ou questionam as razões de ser da arquitetura e determinam as escolhas e suas intenções. Nesta publicação revela-se a dimensão abrangente da arquitetura e demonstra-se que, entre outras coisas, a arquitetura afeta a todos e, por isso, deve ser mais bem entendida por todos.

Os assuntos aqui tratados enfocam questões prementes, como as políticas habitacionais, que exigem novas interpretações para resolver os problemas sociais das nossas cidades, visitam o mundo dos modernos e dos modernistas com seus

¹ Professor do Curso de Arquitetura e Urbanismo e do Programa de Pós-graduação em Geografia – Tratamento da Informação Espacial da PUC Minas. Arquiteto do Iphan. Doutor em Arquitetura e Urbanismo (PhD) pela Universidade de Sheffield, Inglaterra.

conceitos e aparências, aludem a textos de outras épocas, resgatam a importância da preservação dos elementos simbólicos que caracterizam as manifestações culturais.

Lúcia Leitão provoca o leitor ao identificar as cidades e suas formas com a natureza dos seres que as constroem. Nessa relação espaço/sociedade, o usuário da cidade vive situações em que a obra arquitetônica está impregnada de ciência, de filosofia, de arte ou de história. O artigo demonstra que, entre os indivíduos e a cidade que habitam, existe um espelho no qual as suas vontades se refletem, fazendo de nós, arquitetos, indivíduos permanentemente atentos ao outro, na expectativa de corresponder à afirmativa de Platão de que “sem o outro, o ser humano não é capaz de tornar-se sujeito”. Para interagir sobre o urbano, o arquiteto deve conhecer a escala adequada, a medida do ser humano frente à paisagem circundante para repetir e confirmar a imagem do Homem Vitruviano interpretada por Leonardo da Vinci, com o objetivo de proporcionar-lhe condições de definir suas atividades.

Júlio César Vitorino trabalha sobre a história do texto de Vitruvius, seu tempo e sua obra, demonstrando o interesse que esta despertou tanto sobre os monges da Idade Média como sobre Lorenzo Ghiberti, que fez várias críticas às suas teorias. O artigo aguça ainda mais a nossa curiosidade, como aconteceu ao longo de todos os séculos após a publicação do **De Architectura**. Inflamando Brunelleschi e Bramante durante o Renascimento, depois desse período sua influência se amplia, sendo estudado por arquitetos e artistas como Rafael e Palladio, Serlio, Vignola e Scamozzi, contribuindo para o desnudamento progressivo da arquitetura antiga e impregnando os estudiosos de arquitetura com a sua aura de saber e originalidade.

Em busca das lacunas da historiografia da arquitetura no Brasil do século XVIII, Rodrigo Almeida Bastos parte da premissa de que o “conhecimento dos processos que condicionaram a formação de nossas cidades e conjuntos arquitetônicos é condição cultural indispensável à formação do arquiteto”. Existe, evidentemente, uma razão clara para essa afirmação. Esse conhecimento expande as possibilidades de compreensão da experiência humana e possibilita ao arquiteto analisar a sua contínua transformação. Em sua pesquisa, o autor revela ainda que as edificações mais importantes construídas no Brasil estavam atreladas a ensinamentos repassados aos nossos construtores por experientes arquitetos e engenheiros militares portugueses em lições práticas de arquitetura e que, ao contrário do que muitos afirmam, as nossas cidades não foram obras do acaso e da espontaneidade.

Luís Octávio da Silva revela a importância dos quintais domésticos na paisagem urbana brasileira. Ao serem transferidas para o meio urbano, as famílias acostumadas a atividades próprias de uma sociedade agrícola passaram a reproduzir nos quintais as práticas do meio rural. Seu texto, bastante original, reforça a necessidade permanente dos quintais como elementos importantes para o fun-

cionamento das cidades e como marca registrada da cultura brasileira. Ao garantir a presença dos vazios, os quintais contribuem com o seu papel utilitário para a convivência, os serviços domésticos, o lazer, a pequena produção artesanal, valorizando aspectos subjetivos e sutis da relação do indivíduo com o seu meio.

O desenvolvimento da arte de fazer projetos e construções entusiasma a nossa imaginação diante das teorias e obras de arquitetos aqui estudados, como a vida e obra do arquiteto e professor Eduardo Knesse de Mello (a quem tive o prazer de conduzir à cidade de Mariana em uma de suas visitas a Minas) pelos arquitetos Aline Nasralla Regino e Ademir Pereira dos Santos.

Mônica Fonseca trata em seu artigo da origem do interesse pelo primitivismo na arte européia, para compreender a atitude e o papel dos modernistas ao adotarem uma postura que não expressasse esse conceito, mas que, ao contrário, refletisse uma posição inovadora e culturalmente avançada. Embora a arte européia tenha se renovado ao beber em fontes primitivas, os artistas brasileiros procuravam fugir do estigma de primitivos, reforçando a sua relação com o “mundo civilizado”. O movimento modernista fortaleceu-se e alcançou sua meta ao confrontar a ingenuidade do primitivismo original com uma visão intelectual da representação.

Esta edição apresenta três artigos dos representantes do Centro de Estudos de Arquitetura Moderna. O texto de Cláudio Lister Marques Bahia discute a identidade do brasileiro sob a ótica do modernismo, subsidiado por uma ampla avaliação de sua origem e definição, conduzindo o leitor à compreensão de como ele faz parte dessa identidade. O texto explora a dimensão do modernismo em Minas Gerais e sua influência sobre todos os outros aspectos da capital, procurando demonstrar que a arquitetura, como espaço vivencial do ser humano, depende de qualidade projetual e construtiva para não comprometer o espaço urbano.

Vanessa Brasileiro parte dos conceitos de “utopia” para relacionar os espaços urbanos à modernidade inaugurada pelo Iluminismo em oposição ao Barroco. Por meio da representação do plano-piloto de Brasília e com base nas explicações do próprio Lúcio Costa, a autora justifica o desenho, suas premissas e as liberdades adotadas por ele para expressar o seu “modernismo” na nova capital do Brasil. Ao propor os grandes espaços públicos e os extensos gramados verdes, lembra-nos que os esboços encaminhados ao concurso que escolheu a idéia tinham como condicionante prioritário a integração com a paisagem e que a sua experiência de vida induziu-o a essas escolhas. O texto analisa ainda o espanto e a perplexidade de espaços despojados de Brasília que, tão generosos, sensibilizaram a princípio poetas e viajantes, e, concluídos, passaram a acomodar e vivenciar situações inesperadas e inéditas, tão próprias do acaso e das circunstâncias da vida urbana.

De Denise Bahia ouvimos a versão sobre a caravana modernista. Seus protagonistas, movidos pela necessidade de compreender a cultura brasileira, de promover uma inovação, de resgatar valores autóctones e expressá-los artisticamente,

buscavam uma resposta à questão da modernidade. Tentaram montar uma tradição que legitimasse as novas formas estéticas e com isso valorizaram o nosso acervo barroco, tradicionalmente rejeitado por ter sido concebido durante o período colonial. Entre outros assuntos de interesse, o artigo destaca a importância da preservação da arquitetura moderna, considerando que algumas obras ou conjuntos desse período já se transformaram em elementos simbólicos, pois, além do seu valor estético, encontram-se ligados à vida cotidiana e às práticas socioeconômicas que definem a identidade das comunidades.

O texto de Clovis Ultramari sobre o Novo Museu de Oscar Niemeyer, em Curitiba, e seu impacto sobre a cidade na opinião dos operários e do próprio arquiteto, com comentários sobre a obra, produz uma reflexão sobre o papel da arquitetura quando se trata de uma obra governamental. O texto aproveita para fazer interessante referência à arquitetura regional, discute a questão da “necessária submissão da forma e função” criada por Louis Sullivan na década de 30 e se reporta ao período entre as décadas de 1930 e 1960, quando a arquitetura brasileira mais se sobressaiu.

O artigo de Alfio Conti fala das políticas adotadas nos assentamentos informais de Belo Horizonte. Sua pesquisa inclui a elaboração de um valioso diagnóstico, que contém um histórico sobre o processo de intervenção em vilas e favelas da capital. O objetivo da pesquisa é compreender os erros e acertos das experiências passadas, a fim de determinar um plano de intervenção positivo e eficiente para essas áreas.

Adriene Pereira Cobra Costa Souza escreve sobre a crise da habitação no Brasil, faz um histórico do surgimento das favelas e das políticas habitacionais adotadas pelos governos desde a implantação da República, abrindo espaço para novas interpretações.

O artigo de Cláudia Piantá Costa Cabral compara o que Le Corbusier achava do transatlântico e do motor HP do Citroën ao que o grupo inglês Archigram pensava da cápsula do astronauta e do transistor para produzir arquitetura e urbanismo utilizando novas tecnologias. Considera que, apesar da pouca profundidade da produção baseada em elementos ficcionais, as atitudes espelhadas na contracultura vigente provocaram novos e significantes impulsos de criatividade, que fizeram despertar uma incrível contribuição para os subseqüentes processos de produção arquitetônica, influenciando muitos dos que se lhe seguiram.

Finalmente, Fábio Allon dos Santos apresenta uma visão do imaginário urbano por meio da fusão de várias formas de comunicação e representação em que se superpõem textos, desenhos, fotos, compondo imagens-referências das questões urbanas do século XX e “mostrando que o espaço urbano é muito mais que mera cenografia, pois permite a ligação entre tempo, espaço e homem”.

O enfoque multidisciplinar de tais artigos reforça a teoria de que, para o exercício da arquitetura, é preciso dedicação e entrega a um aprendizado constan-

te, além de humildade em face da diversidade das formas e de suas possibilidades. É preciso compreender o meio que nos cerca e onde se vai atuar, para encontrar as soluções potencialmente adequadas a cada caso.

Dentre os assuntos tratados identifica-se uma postura de transgressão e de busca de soluções práticas, confrontando-nos com as necessidades do presente e com as conseqüências positivas ou negativas dos modelos e atitudes do passado. Cada autor imprime aqui, à sua maneira, informações que mostram que a arquitetura está viva em todos os momentos de nossa vida.

Os textos são todos inéditos e esta edição traz uma belíssima capa escolhida em concurso realizado entre os alunos da graduação em Arquitetura e Urbanismo da PUC Minas. Nossa expectativa é de que os leitores encontrem aqui material para refletir, os arquitetos se entusiasmem com a profissão e todos passem a conhecer melhor os seus segredos.